

MARINA CHAPMAN
com Vanessa James e Lynne Barrett-Lee

A MENINA SEM NOME

*A Incrível Vida de uma
Criança Criada por Macacos*

TRADUÇÃO:
ISABEL ALVES

ASA

PRIMEIRA PARTE

1

As vagens de ervilha tinham qualquer coisa que me hipnotizava. Embora não soubesse porquê, havia algo de mágico na forma como as vagens inchadas me rebentavam com tanta perfeição nas mãos quando as espremia. Por isso, o canto da horta onde as ervilhas cresciam era especial e eu passava ali horas, absorvida no meu pequeno mundo.

A horta era um pequeno terreno ao fundo do nosso jardim. Nesse dia, como em muitos outros em que nada mais se passava, eu tinha escapado pelo caminho de tijolo que atravessava o jardim desde a nossa porta das traseiras até ao portão de trás. Ouvia as outras crianças à minha volta mas não sentia qualquer desejo de conhecer a causa da sua animada tagarelice. Só queria sentar-me na sombra fresca e frondosa, protegida da intensa claridade da luz do sol.

Tinha quatro anos, quase cinco – recordo-me de aguardar impacientemente o meu quinto aniversário – e do meu diminuto posto de observação as plantas eram como gigantes. Cresciam em talhões elevados, formando caramanchões densos e verdejantes e altas trepadeiras que pareciam subir pela vedação. Havia a secção com couves e alfaces e havia os renques altos e emaranhados de feijão-verde; e havia o local onde as ervilhas cresciam, plantas densas e fartas, uma massa de ramos, folhas e pesadas vagens.

Ajoelhei-me e arranquei a vagem mais próxima, encantada com o agradável estouro que fez quando a abri entre os dedos. Dentro do invólucro gordo estavam as brilhantes esferas verde-esmeralda que eu queria e meti as pequeninas e doces à boca.

Não tardei a ficar rodeada por um pequeno monte de vagens vazias e por uma pilha cada vez maior de ervilhas descartadas, impetavelmente amontoadas ao meu lado. Absorta nesta atividade, não me dei conta de que não era a única pessoa na horta nesse dia.

Aconteceu tão depressa que sobrevive apenas como um fragmento breve de memória. Num momento, estava acorada na terra, compenetrada; no seguinte, tive o vislumbre de uma mão negra e de tecido branco e, antes de ter qualquer hipótese de gritar, ela voara na direção da minha cara, tapando-a por completo.

Creio que provavelmente tentei gritar. Teria sido instintivo fazê-lo. Talvez tenha mesmo conseguido. Mas, refugiada no meu lugar especial, quem me teria ouvido? E, ao debater-me, surpreendida e aterrorizada, senti o cheiro a um produto químico qualquer que já me tinha penetrado nos pulmões. A mão na minha cara era enorme e brutal, e a força de quem me agarrava era esmagadora. O meu último pensamento ao perder a consciência foi simples: é agora que vou morrer.

Não fazia ideia de quanto tempo havia passado quando comecei lentamente a despertar do meu sono forçado, mas tive consciência de que tudo era diferente. Comecei a aperceber-me de vagos ruídos à minha volta, esforçando-me por captar alguma coisa que me tranquilizasse. Onde estava? O que tinha acontecido?

Tentei sacudir a sonolência do corpo, mas sentia as pálpebras terrivelmente pesadas. Não conseguindo invocar forças para as abrir, continuei a tentar encontrar sentido para as coisas, procurando formar uma imagem mental.

Pouco depois, consegui identificar os sons de animais de criação: tive a certeza de ter ouvido galinhas. E porcos, possivelmente.

Patos. Ouvia ainda um outro som que me pareceu reconhecer. Era de um motor. E logo a seguir apercebi-me de que o som do motor me cercava por completo e de que o meu corpo se sacudia ao seu ritmo. O ruído aumentava e diminuía e estremecia e eu estremecia com ele. Estava dentro de um carro! Ou – não, era isso com certeza! – uma furgoneta.

O que era inquestionável era o facto de avançarmos por uma superfície irregular e pedregosa: facto este que confirmei quando finalmente encontrei forças para abrir os olhos. A intensa luz do sol era ofuscante e as cores esborratavam-se, transformando-se em riscas com o movimento. Não sabia onde me encontrava e muito menos para onde estavam a levar-me, mas o veículo em que seguia parecia estar a andar a toda a velocidade e eu escorregava para um lado e para o outro.

Em seguida, apercebi-me de que não estava sozinha na parte de trás da furgoneta. Embora não conseguisse focar os outros passageiros, ouvia gritos e gemidos e soluços angustiados, suplicando liberdade. Iam outras crianças na furgoneta: crianças aterrorizadas como eu.

Não sei se foi do medo ou simplesmente do efeito daquilo que me tinham dado, mas as vozes e as imagens começaram então a esbater-se numa névoa de som e cor e, mais uma vez, perdi a consciência.

Quando voltei a acordar, não tinha, como dantes, a mais leve noção de quanto tempo havia passado. Só tinha consciência de uma coisa: os respingos molhados na minha cara, de longe a longe. O chão à minha volta parecia abanar e percebi que estava a ser transportada por um adulto. O meu corpo era sacudido ao ritmo de passos apressados e eu estava virada para a terra em movimento, com o cabelo caído sobre os olhos. Durante a marcha, iam-se-me enfiando folhas e galhos na roupa, e as pernas e os pés eram picados por espinhos que me rasgavam dolorosamente a pele.

Ia às costas de um homem que corria através de uma densa floresta e, embora não conseguisse vê-lo, estava consciente da presença de outro homem que corria conosco. Ouvia estalidos, o crepitar de ramos e dois conjuntos de passos. Mas era tudo; para onde teriam ido as outras crianças? Parecia haver uma urgência maior em cada passada dos homens e interroguei-me se estariam a fugir de alguma coisa, assustados, como eu. De um animal? De um monstro? Sabia, pelas histórias, que as florestas eram habitadas por monstros aterradores. E a respiração dos homens, aos meus ouvidos carregada de pânico e talvez de exaustão, parecia sugerir que éramos perseguidos por alguma criatura perigosa.

De tempos a tempos, os joelhos do homem que me transportava cediam e ele parecia prestes a cair. Não fazia ideia da distância que tínhamos percorrido, nem para onde nos dirigíamos, mas pressentia que já estávamos longe. O homem cambaleava, quase caindo, e eu, demasiado aterrada para pensar em mais do que segurar-me bem a ele, só podia esperar que escapássemos em breve ao que quer que nos perseguisse.

Por fim, parámos e todo o meu corpo se sacudiu violentamente. Senti-me então a ser rodada, como se o homem não estivesse seguro da direção a seguir. Mas não tardámos a continuar, embrenhando-nos em vegetação ainda mais profunda e densa, antes de voltarmos a parar, desta vez ainda mais abruptamente. Segurei-me com mais força mas, consciente da maneira agressiva como ele me tinha agarrado, afastei as mãos quando ele me tirou dos ombros sem cerimónias e me largou no chão.

Aturdida, tentei levantar-me para ver quem me tinha levado para ali, mas quando finalmente consegui pôr-me de gatas, não vi mais do que quatro pernas compridas a fugir. Um par de pernas escuras e um par de pernas brancas que não tardaram a perder-se na obscuridade. Tentei gritar-lhes e suplicar-lhes que não me abandonassem ali. Embora o instinto me dissesse que estes homens não eram bons, metia-me muito mais medo ser deixada na selva sozinha. Mas, como que num sonho, não parecia sair som algum

dos meus lábios e pouco depois até os seus vultos indistintos começaram a desvanecer-se, desaparecendo nas sombras das árvores e dos arbustos que eram tudo quanto eu conseguia ver. Fiquei ali de joelhos muito tempo, mal me atrevendo a mexer-me, limitando-me a perscrutar a escuridão e desejando que eles voltassem ou, pelo menos, que eu pudesse ouvir o grito de uma das outras crianças. Sentia-me desamparada, abandonada e terrivelmente assustada por estar sozinha. Porque é que eles não voltavam? Porque é que tinham fugido de mim? Onde estava a minha mãe? Como é que ia conseguir voltar para casa?

A escuridão adensou-se e, agora que os homens tinham partido, os misteriosos sons noturnos da selva eram aterradores. Não fazia ideia de onde estava, por que razão estava ali ou quando alguém me viria buscar. Não tinha nada no corpo, além do vestido de algodão e das cuecas que a minha mãe me tinha posto nessa manhã, e sentia o calor da terra em que estava deitada a infiltrar-se-me no corpo ao enroscar-me o mais que pude numa bola.

A sensação de desolação e solidão era dilacerante e dolorosa. A minha única esperança era que, se fechasse os olhos, tudo desaparecesse. Se os fechasse com força suficiente, talvez a noite não me metesse tanto medo e em breve – oxalá fosse em breve – a minha mãe haveria de me encontrar. Talvez, se adormecesse, viesse a acordar em segurança na minha cama e concluísse que tudo isto não passara de um pesadelo...

Foi o calor do sol que me acordou. Sob a minha face esquerda sentia apenas uma suavidade quente e pungente mas, na direita, a sensação era de extremo calor, um calor intenso e escaldante; quando abri os olhos, a luz era de tal modo ofuscante que os fechei imediatamente.

Virei-me de costas, ainda num estado entre o sono e a consciência, ciente agora de um novo assalto. Desta vez, era aos meus ouvidos, o ar tão repleto de sons como a luz de centelhas. Soavam guinchos assustadores e estranhos urros que eu não conseguia identificar.

Deixando as pálpebras abrir-se de novo, dei por mim a olhar diretamente para uma enorme mancha azul sobre mim. Um azul muito vivo, rodeado por todos os lados de uma escuridão matizada e, ao tentar proteger os olhos da claridade com os dedos, fui-me apercebendo daquilo que estava a ver. Era uma parte do céu, cercada por um aro de copas de árvore frondosas, a uma altura tão grande que não passavam de um borrão negro e esfarrapado.

Finalmente compreendi onde estava. Na selva! Esta súbita certeza invadiu-me todo o corpo e, com ela, veio o pânico à medida que as recordações da véspera se precipitavam na minha memória. Fora raptada de minha casa por homens que entretanto me tinham abandonado aqui.

Sacudi a terra escura da palma das mãos e pus-me de joelhos. Depois levantei-me e comecei a procurar uma saída. Só pensava em encontrar os homens que me haviam abandonado. Alcançá-los e implorar-lhes que me levassem para casa. Queria a minha mãe. Onde estaria ela? Porque não tinha vindo procurar-me?

Não fazia ideia do tempo que passara desde que tinha sido deixada aqui pelos meus raptos. Apurei os ouvidos, na esperança de captar algum som que me tranquilizasse. Gargalhadas de crianças, um grito de saudação, o estrépito de uma carroça a passar. Entre soluços, gritei sem parar pela minha mãe. Tinha a garganta arranhada e seca por falta de água mas, nesse momento, não pensava em encontrar de beber ou comer. Queria desesperadamente descobrir um caminho para casa, e comecei a tentar sair do meio da vegetação e do emaranhado de lianas que pendiam dos troncos das árvores. Os ramos e pernas nodosos pareciam barrar qualquer saída e as folhas – enormes, estranhas e diferentes umas das outras – pareciam determinadas a enclausurar-me neste inferno verde aterrador.

Mas para onde haveria de ir? Não parecia existir nenhum trilho e eu não reconhecia nada. Nem sabia de que direção tinha vindo.

Quando me virava, o que se oferecia aos meus olhos parecia igual à vista anterior. Árvores, árvores e mais árvores a perder de vista. De vez em quando, durante o meu percurso trôpego por cima, por baixo e à volta dos obstáculos emaranhados, tinha um vislumbre de algo reluzente ao longe. Uma colina distante, talvez? Mas logo os muros entrançados da minha prisão verde se fechavam de novo e, quanto mais avançava, mais um pânico trémulo se apoderava de mim. Isto era uma estupidez. Porque estava eu a fazer isto? Devia voltar para trás. E se a minha mãe viesse à minha procura? Se viesse e não me encontrasse?

Dei meia-volta, engasgando-me com os soluços que não paravam, e tentei encontrar o caminho para o sítio que havia acabado de deixar. Mas não tardei a perceber que me tinha perdido por

completo. Não havia vestígios da minha passagem, pista alguma que me orientasse.

Dei vazão às lágrimas. Não conseguia impedir que me jorrassem dos olhos. Avançando aos tropeções, ora arranhada, ora presa em ramos dolorosos, continuei a esforçar-me por compreender como tinha vindo aqui parar. Teria sido um plano dos meus pais? Era isso? Desejavam livrar-se de mim? Tentei pensar no que poderia ter feito para se zangarem assim comigo. Teria sido por causa das ervilhas? Estariam zangados por eu ter apanhado tantas? O meu pai e a minha mãe teriam pedido àqueles homens horríveis que me levassem?

Procurei lembrar-me do homem que me tinha raptado na horta. O homem negro, o que me tinha tapado a boca com a mão. Quem seria? Um tio? Tentei recordar as suas feições. Era alto e muito forte. Seria alguém que me conhecia? Um dos meus mais valiosos tesouros em casa era a minha bela boneca negra e, por qualquer razão, este facto não me saía da cabeça. Éramos uma família branca e eu tinha uma boneca negra. Porquê? Significaria alguma coisa que eu não entendia?

Demasiado exausta e transtornada para continuar a abrir furiosamente caminho através da vegetação interminável que me dava pela cintura, abrandei o passo, verguei os ombros e deixei-me invadir por um profundo abatimento. Mas que podia eu fazer se não perseverar? Foi o que fiz. Foi uma decisão quase inconsciente. Continuei porque talvez encontrasse uma saída ou alguém que me ajudasse. Ou então algum sinal que anunciasse que estava mais próxima de casa.

Mas o tempo ia passando, os meus braços e pernas estavam cada vez mais cobertos de arranhões e crescia-me no peito o medo de estar enganada. E, quando a luz começou a esmorecer, senti a esperança a abandonar-me com a desapareção do sol. Era noite. Eram horas de dormir. O dia tinha chegado ao fim. Havia passado um dia inteiro e eu continuava presa na selva. Teria de passar mais uma noite sozinha.

Era a noite mais cerrada que eu alguma vez tinha visto. Apesar do enorme esforço para ver, não distinguia o mais pequeno ponto de luz, excetuando a longínqua cintilação das estrelas. O próprio céu, porém, parecia estranhamente próximo – quase como se tivesse caído em cima de mim, estendendo-se como uma vasta colcha preta à minha volta e aprisionando-me por baixo com as criaturas da noite. Sem drogas que me turvassem a consciência, o meu terror continha agora um elemento de desespero ainda mais forte do que na noite anterior. Era novamente o ruído, o volume e variedade incrível de sons, que eu sabia, pois já tinha ouvido os adultos falarem sobre eles, serem produzidos pelas feras da selva que saíam à noite. E também sabia que o faziam porque, a coberto da noite, lhes seria mais fácil apanharem as presas.

Tendo procurado em volta, envolvida num manto de cerrada escuridão, descobri uma pequena parte coberta, onde não brotavam plantas, na base do tronco largo de uma árvore. Sentei-me ali e, à medida que o ar se adensava, enrosquei-me mais uma vez na mais pequena bola possível, encostada à robustez reconfortante da casca e envolvendo defensivamente os joelhos dobrados com os braços.

Tinha uma forte sensação de que me devia manter imóvel e silenciosa. Como num jogo, disse a mim mesma. Um jogo de escondidas. Se não me mexesse e não emitisse qualquer som, as criaturas da noite nunca seriam alertadas para a minha presença.

Mas a presença delas era assustadoramente evidente para mim. Ouvia uma infinidade de sons diferentes nas proximidades. Ouvia a mesma restolhada que eu própria fizera ao caminhar sobre a folhagem. E correrias: o ruído de pequenos animais a passar. E depois um estalido. Um estalido forte, aterradoramente próximo do local onde estava encolhida. O estalar de algo seco – galhos mortos? – a ser pisado. O som fluía à minha volta. O que quer que fosse, parecia envolver-me, à espera do momento certo para se lançar sobre mim. Seria capaz de me distinguir claramente com os seus grandes olhos noturnos? E que sons sibilantes seriam aqueles

que pareciam segui-lo? Uma cauda? Seria um monstro que devorava crianças? Seria capaz de sentir o meu cheiro?

Tentei tornar-me mais pequenina. Desejei ter uma gaiola onde me pudesse enfiar, uma gaiola que me protegesse de garras afiadas e mandíbulas sôfregas. Ou uma luz. Desejei intensamente que a minha mãe aparecesse com uma luz que afugentasse o monstro.

Mas, nesse momento, alguma coisa deve ter assustado a criatura que me perseguia porque estalou um alvoroço de pequenos sons e ela largou a correr, enchendo-me de um ditoso alívio. Mas foi de pouca dura. Com o avançar da noite, enroscada na minha diminuta bola dentro do tronco da árvore, a minha incapacidade para ver apenas servia para me aterrorizar ainda mais. Por mais que me assustasse ver criaturas da selva perto de mim, concluí que era bem pior não conseguir vê-las. Fosse como fosse, não podia fazer mais do que retrair-me e tremer de medo enquanto bichos rastejantes se passeavam pelas minhas pernas e braços, tentavam explorar os contornos da minha cara e se me enfiavam nas orelhas. Desejava adormecer, como nunca em toda a minha vida, porque nenhum pesadelo, por mais arrepiante que fosse, podia ser pior do que este que me tolhia agora.

Na manhã seguinte, o mesmo sol, com a mesma intensidade, brilhando no mesmo céu de um azul ofuscante, saudou-me mais uma vez. Demorei muito tempo a convencer-me a abrir os olhos. No conforto da semiconsciência, quase acreditava que era o cobertor da minha cama que me enchia de calor e que o sol jorrava pela janela do meu quarto. Mas os sons da selva a despertar não tardaram a dissipar essa ideia e arrastaram-me de novo, cruelmente, para a realidade.

Desfiz-me mais uma vez em lágrimas dentro do tronco da árvore, a garganta dorida e arranhada, a barriga clamando por comida. Mas não podia chorar eternamente. E quem me ia ouvir afinal? Passei as costas das mãos pela pele inchada do meu rosto manchado

de lágrimas e, quando a minha visão se desanuviou, pareceu-me ver uma borboleta.

Voltei a olhar. Não, não era uma borboleta. Eram montes de borboletas, das mais variadas cores, todas elas volitando sobre a minha cabeça. Andavam de roda das pétalas de lindas flores rosa e brancas, suspensas de caules verdes que pareciam nascer no cimo das árvores. Eram deslumbrantes e, cercada por uma neblina criada pelo leito fumegante da selva, a minha atenção foi completamente absorvida por elas.

Mas a dor que sentia no estômago não tardou a arrancar-me àquele sossego. Estava cheia de fome e precisava de encontrar comida. Mas o quê? Havia vagens no chão, que inspecionei atentamente. Cheiravam bem e até espalhavam uma fragrância pelo ar à minha volta, mas eram pretas como carvão e estavam mirradas e bastou-me abrir uma para perceber que eram diferentes das ervilhas. Cresceriam aqui ervilhas? Ou milho? Talvez encontrasse algum. Levantei-me e comecei a explorar o sítio, desta vez de uma maneira muito diferente.

Era demasiado nova para saber que as estranhas plantas, bagas e frutos que via podiam ser venenosos. Não queria comê-los simplesmente porque tinham um aspeto esquisito e pouco apetecível. Não via nada na vegetação que me fosse familiar.

Os meus pensamentos voltaram mais uma vez à situação precária em que me encontrava. Se não arranjasse nada para comer, não tardaria a passar fome. E depois, como bem sabia das histórias que tinha visto em livros ilustrados e das coisas que tinha ouvido os adultos dizer, morreria e seria devorada por animais. Mas não parecia haver aqui nada que eu pudesse comer. E, não querendo morrer e ser devorada por animais, decidi mais uma vez que não podia ficar ali. Hoje, pôr-me-ia a caminho. Andaria sem parar. Se não viesse ajuda ao meu encontro, teria de ser eu a procurá-la. Resolvi continuar enquanto as pernas mo permitissem, o que, com sorte, seria o suficiente para encontrar um ser humano que me desse de comer e me levasse aos meus pais.

Pus-me de novo a caminho através dos impenetráveis mata-gais, com o único objetivo de sair dali. Afinal, os dois homens tinham entrado comigo na selva, o que queria dizer que, se eu andasse o suficiente, certamente acabaria por sair.

Durante a maior parte do tempo, não conseguia ver mais do que o emaranhado de folhas à minha frente e a minha pele começou outra vez a protestar contra esta nova vaga de arranhões causada pelos ramos que eu ia afastando e que ressaltavam furiosamente para trás para castigar a minha interferência. Sentia-me quente e claustrofóbica no interior daquele arrepiante ninho verde e não demorei muito tempo a esquecer a minha procura de comida. Com as árvores a pingarem sobre mim e as neblinas a elevarem-se e a desaparecerem, uma nova sensação sobrepôs-se à fome até aí insuportável. Apercebi-me de que estava incrivelmente sequiosa.

Como encontraria água? Não fazia ideia. Embora tudo à minha volta parecesse reluzir de molhado, parecia impossível encontrar água para beber. Comecei a investigar o sítio com um propósito claro. Onde arranjaría água para beber num local destes?

Procurei cavidades em pedras e fissuras e inspecionei o leito da floresta em busca de charcos. Imitando os insetos que zuniam e sussurravam em todas as direções, perscrutava, esperançada, todos os tipos de flores até que finalmente esbarrei com uma planta enrolada, com folhas verdes quase em forma de copos, e pelos na extremidade. Se tinham aspeto de copos, raciocinei, talvez funcionassem como copos e, realmente, quando espreitei para dentro de uma, vi uma pocinha de líquido brilhante.

Sentindo-me quase como se tivesse descoberto um tesouro secreto, puxei o cone da folha para mim e baixei-me para ele. Deixei então os meus lábios ressequidos aflorarem a superfície cintilante. A sensação foi divina e num instante inclinei cuidadosamente a folha e entornei o resto na boca. A água tinha um sabor estranho. Era como se estivesse a beber terra. Mas não me importei. Por um momento, havia saciado a sede.